



FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO

A prática do contar histórias e a
formação do leitor na sala de aula

2017

SUMÁRIO

Histórico e Introdução	03
O Projeto	03
Realização do Projeto	
Fase 01 – Aplicação de um questionário para todos os professores do segundo ano do Ensino Fundamental	08
Fase 02 a – Escolha de 8 professores para participar da pesquisa	11
Fase 02 b – A oficina	13
Fase 02 c – Questionário pós-oficina	16
Fase 03 – A colocação dos livros em sala de aula	16
Fase 04 – Acompanhamento	18
Fase 05 – Aplicação do questionário final	28
Fase 06 – Análise	31
Fase 07 – Conclusão	36
Bibliografia	43
Anexo 1 – escolas contatadas	44
Anexo 2 – cinco questionários	50

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

Histórico e Introdução

Nos meses de novembro e dezembro de 2016, uma aproximação de querereres entre Adriana Silva (presidente da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto) e Míriam Fontana (contadora de histórias, atriz e pedagoga) deflagrou a realização deste projeto de pesquisa que denominou-se **A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula.**

Desde o início de sua concepção, com a participação de Laura Abbad, programadora da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, este projeto se propôs a investigar a relação entre a ação de contar histórias pelo professor em sala de aula e uma possível aproximação mais intensa do aluno leitor com o livro, favorecido pela atividade desenvolvida.

A efetivação do projeto só pode concretizar-se com a adesão da sra. Suely Vilela, Secretária da Educação de Ribeirão Preto, que em janeiro de 2017 aprovou sua realização com os professores do 2º ano fundamental de rede municipal de ensino.

Este trabalho escrito relata tanto o projeto previsto como as mudanças ocorridas no seu percurso, necessárias para a adaptação frente à realidade encontrada.

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

1 - Resumo

Em 2011, um brasileiro lia quatro livros por ano, em 2015, o índice aumentou para 4,96. Essa informação consta da quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura

no Brasil, divulgada em maio de 2016. A mesma pesquisa, realizada a cada quatro anos, revela ainda que 18% do público leitor acessa o livro na biblioteca da escola. Quanto a motivação para ler, 33% dos respondentes declaram que sim, leem por influência. A mãe é a maior influenciadora na formação do hábito pela leitura, seguida pelos professores que representam 7%. A pesquisa a ser realizada pela Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto se propõem a estudar como a influência do professor se faz e, em especial, se a prática de contar histórias em sala de aula pode ser apontada como ação motivadora.

2 - Tema e Problema

Como o professor influencia o aluno a ler?

Quais análises possíveis quanto à prática de contar histórias em sala de aula?

Trata-se de ação motivante?

Em que a prática de contar histórias contribuiu para formação do leitor em sala de aula?

3 - Objetivos (gerais e específicos)

Objetivo geral:

Promover práticas que estimulem o contato dos alunos com os livros: (1) disponibilidade de livros na sala de aula e (2) contação de histórias, e analisar se tais ações motivam à leitura e a formação de estudantes leitores.

Objetivos específicos:

1. Entender como professores trabalham o tema leitura na sala de aula.
2. Analisar as práticas comuns em um grupo de oito professores em escolas da Rede Municipal que atendam às 4 regiões;
3. Promover formação e avaliar o comportamento dos educadores antes e depois da referida formação;
4. Comparar interesse de estudantes, alunos de professores que contam histórias em sala de aula e de professores que não contam histórias.

4 - Justificativa Teórica

Segundo relato de Câmara Cascudo, nos tempos vividos de sua infância, todos sabiam contar histórias. No encontro da noite, as pessoas contavam os causos sem pressa.

Depois da ceia faziam roda para conversar, espairecer, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeio, façanhas de um cachorro, queda num grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da guerra do Paraguai, cangaceiros, cantadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte. (CASCUDO, 2006, p. 14)

Quantas qualidades nesta função. Sem distinção do patrão e empregado a roda acolhia. Era um refazer, um preparar-se para o descanso e o recomeço. Câmara Cascudo expõe em seu livro o quanto o saber vivido desta experiência do ouvir histórias foi fundamental para sua formação cultural, e como este saber se integrou à sua formação acadêmica.

Outro estudioso da arte de narrar histórias, Walter Benjamin no ensaio *O Narrador*, declara que “a matéria do narrador é a vida humana” e a ação de narrar é a “faculdade de intercambiar experiências”. Benjamin em seu estudo insiste em dizer que “as ações da experiência estão em baixa”. As grandes narrativas estão em baixa porque as relações humanas e a troca de suas vivências está em baixa. A fonte a que recorreram todos os grandes narradores é a experiência que passa de pessoa a pessoa, e essa troca de experiência está rarefeita.

O estímulo ao contato com a narração de histórias, através deste projeto de pesquisa, pressupõe um interesse dos alunos por uma atividade que cativa as

crianças, um conteúdo que possa abordar suas experiências de vida. Conseqüentemente, que o aluno possa encontrar nos livros de histórias um “companheiro de vida”.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que contar histórias em sala de aula promove o gosto e a prática de leitura. E, de maneira metodológica, com critérios emprestados pela ciência, se propõe a estudar professores e estudantes a fim de validar ou reposicionar essa assertiva.

5 - Fundamentação Teórica e Revisão da literatura

Considerando que a Fundação não é uma instituição centrada na pesquisa, mas que desde 2016, com a criação do Núcleo de Pesquisa, articulado em um plano anual de atividades vem usando a prática do estudo, da análise e da avaliação dos dados quantitativos e qualitativos para fortalecer suas propostas e projetos, a fundamentação teórica e a revisão da literatura, assim será apresentada como resultado deste trabalho, fazendo parte do processo dos pesquisadores.

6 - Metodologia

A metodologia escolhida para dar conta da proposta anteriormente apresentada recorre aos recursos oferecidos pela análise de amostras a fim de viabilizar o reconhecimento do corpo formado por professores da Rede Municipal de Educação de Ribeirão Preto. Organizada em fases, o trabalho seguirá o quadro abaixo.

Fase 01		
Fevereiro/março de 2017		
Aplicação de um questionário para todos os professores do	A escolha do 2º ano não foi aleatória. Compreende-se tratar-	As perguntas deste questionário balizarão algumas escolhas dos

segundo ano do Ensino Fundamental.	se do momento pós aprendizado da leitura em que o estudante pode fazer suas primeiras escolhas entre ler ou não ler.	pesquisadores ao longo do processo de estudo das práticas dos professores.
Fase 02		
Março/Abril 2017		
Escolha, de 8 professores para participar da pesquisa. 2 de cada região, podendo ser de escolas diferentes ou da mesma escola, desde que garanta a representação das 4 regiões da cidade.	Oferta de 10 horas de formação na arte de contar histórias aos 8 professores, sob a coordenação de profissional credenciada, com experiência e formação acadêmica. Proposta de 5 encontros de 2 horas cada, em um período de 2 semanas.	Aplicação de um novo questionário antes da formação e posterior à formação.
Fase 3		
Maio, Junho, Agosto de 2017		
Colocação de livros nas salas de aulas dos professores participantes da pesquisa.	Análise do comportamento do estudante com a disposição dos livros na sala de aula.	Os livros para as oito salas serão disponibilizados pela Fundação.
Fase 4		

Maio, Junho, Agosto de 2017		
Acompanhamento das atividades dos professores e dos alunos das salas participantes. Este formato de avaliação será validado, ainda, pelos profissionais da Rede de Ensino.		
Fase 5		
Agosto de 2017		
Aplicação de questionário posterior a um semestre do período da formação dos professores.	O questionário deverá repetir algumas questões das fases anteriores e apresentar algumas novas abordagens.	Análise de todos os questionários.
Fase 6 e final		
Setembro de 2017		
Análise de todo material gerado em todas as fases anteriores.	Conclusão da fundamentação teórica e revisão de literatura.	Produção textual de material final da pesquisa.

7. Bibliografia.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. São Paulo: Global, 2006.

Retratos da Leitura no Brasil, março de 2016. Fundação Pró Livro e IBGE. Disponível em

http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf, acesso em 02/01/2017.

8. Pesquisadores

Núcleo de pesquisa da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

Coordenação – Míriam Reginês Fontana

Participação: Adriana Silva e Laura Abbad.

REALIZAÇÃO DO PROJETO

FASE 01 – Aplicação de um questionário para todos os professores do segundo ano do Ensino Fundamental.

Para a realização desta primeira fase, contou-se com a participação de Luciana Gasparini, Coordenadora do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal da Educação, para que a articulação entre a Fundação do Livro e Leitura, as diretoras das escolas de ensino e as professoras pudesse se efetivar. No **Anexo 1** estão listadas todas as escolas contatadas. Mais do que uma autorização para que a Fundação do Livro e Leitura fizesse o contato com as escolas, o primeiro *e-mail* com o convite foi enviado pelo *mailing* da própria Secretaria de Educação, reforçando o envolvimento desta com o projeto e a importância de sua realização.

Prezados Diretores e Diretoras das Escolas Municipais de RP

Solicitamos que encaminhem este email a todos os professores e professoras do 2º ano Fundamental.

Prezados Professores e Professoras,

A Fundação do Livro e Leitura de RP e a Secretaria Municipal de Educação acreditam que a ação de contar histórias em sala de aula estimule, e muito, a aproximação da criança com o livro, e conseqüentemente a observação, a leitura, a escrita, a fala. Mas queremos fazer esta ação de tal forma que possamos guardar as percepções colhidas durante o percurso. Para tanto, pedimos que todo professor e professora do 2º ano Fundamental da rede municipal da cidade responda um breve questionário e, se sentir-se atraído/atraída que aceite nosso convite.

Queremos formar um grupo pequeno de professores que queiram dedicar 10 h para um Curso de Formação de Contadores de Histórias (o curso é totalmente gratuito com 5 encontros de 2h). Por que um tempo tão pequeno? Porque um professor já é um contador de história por natureza e profissão.

Depois do curso, agir em parceria com a Fundação e contar uma história por semana em sala de aula. Serão ao todo 10 histórias. Por dois meses e meio vamos conversar sobre este processo. A Fundação fornecerá os livros do projeto.

Resumindo é assim:

- Primeiro passo: pedimos a colaboração de todos os professores do 2º ano Fundamental para responder ao questionário, mesmo que não tenham interesse inicial na proposta. Precisamos de um panorama geral e bastam 5 minutos para responder todas as perguntas.

O questionário está no anexo deste email e depois de respondido deve ser encaminhado a nucleodepesquisa@fundacaodolivroeleitura.com.br

- Segundo passo: quer fazer a pesquisa com a gente? Ficaremos felizes com sua adesão.

Desde já agradecemos muito sua participação.

Atenciosamente,

Fundação do Livro e Leitura de RP

Secretaria Municipal da Educação

O questionário enviado aos professores junto ao *e-mail* acima pode ser verificado no **Anexo 2**. O retorno dos questionários preenchidos não era esperado sem dificuldade, visto que todo início de ano letivo há uma demanda intensa nas escolas e entre os professores. Então, um trabalho telefônico foi desenvolvido para que cada diretor fosse contatado e incentivasse a participação de todos os professores do 2º ano fundamental para que respondessem o questionário.

A data de 17 de março, sexta-feira, foi o prazo final para o recebimento dos questionários preenchidos. A análise quantitativa das respostas recebidas e computadas até 19 de março foram:

- Total de escolas contatadas: 30 (**Anexo 1**)

- Escolas que responderam

(não necessariamente todos os professores da escola): 22

- Escolas que nenhum prof. respondeu: 08

- Número total de professores contatados: 84

-obs: estes números computam apenas uma vez os professores que trabalham em duas unidades, ou professores que fazem dois períodos na mesma escola.

- Total de questionários respondidos: 47

- Respostas afirmativas à participação: 33

- Respostas negativas à participação: 14

- Número de profs. que não responderam: 37

- Quantidade de escolas contatadas e esperadas para o 1º encontro: 19

- Professores contatados e esperados para o 1º encontro: 32

- Quantidade de escolas presentes ao primeiro encontro: 03

- Comparecimento de profs. ao primeiro encontro: 04

- Profs. que completaram a oficina: 03

- Profs. que realizaram o projeto: 03

Lucélia Cassiano de Oliveira (*)

Taís de Fátima Batista Lázari (*)

Tatiane San Martino (**)

- Escolas representadas que realizaram o projeto: 02

Escola Honorato de Lucca (*)

Escola Waldemar Roberto (**)

Com um olhar restrito à quantidade de participantes no projeto todo, à primeira vista pode parecer um número pequeno demais. Entretanto, a qualidade dos resultados e as possibilidades de projeção indicam, como mostrado a seguir, um excelente resultado da pesquisa.

FASE 02 a – Escolha de 8 professores para participar da pesquisa.

A decisão de chamar todos os professores ao primeiro encontro justifica-se por diversos motivos, principalmente em função de que sempre há uma diminuição do número entre aqueles professores que desejam fazer a oficina e aqueles que efetivamente o fazem. O tempo entre o prazo máximo de entrega do questionário e o início da oficina foi curto. Os professores não sabiam de antemão qual seria o horário desta. Segue o texto do convite para o primeiro encontro da oficina a todos que responderam positivamente à participação:

Prezadas professoras e professor,

A Fundação do Livro e Leitura agradece a todos a participação e colaboração neste nosso projeto de pesquisa “A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula”.

Vamos à próxima etapa. Serão cinco encontros de 2hs cada a serem realizados na sede da Fundação das 19h30 às 21h30. Nossos encontros terão o objetivo de um fortalecimento da ação de contar histórias, já que efetivamente o professor em sala de aula conta histórias constantemente. Ressaltaremos os pilares que sustentam uma boa contação de histórias e faremos trocas de experiências.

Nossos encontros serão nas seguintes datas:

23 mar (quinta); 27 mar (segunda); 29 mar (quarta); 3 abr (segunda) e 6 abr (quinta), sempre das 19h30 às 21h30.

A Fundação do Livro e Leitura fica na Rua Professor Mariano Siqueira, 81 - Jd América (16) 3911 1050. Este é o telefone da Fundação, outros dois números estão mencionados abaixo para um contato direto comigo.

<https://www.facebook.com/FundacaodoLivroeLeituraRP/?fref=ts>

<http://www.fundacaodolivroeleiturarp.com/>

Agradecemos mais uma vez a participação de todos e já peço o primeiro exercício para nosso encontro de quinta-feira. Procure o significado de seu nome. O que ele quer dizer, ou porque seus pais escolheram seu nome, se tem apelido, se o apelido ocupou o lugar do nome ...

Até quinta-feira. Um grande abraço.

Eram esperadas para o primeiro encontro um número bem maior de pessoas que a quantidade presente. Pelo menos que o grupo com os oito professores previstos ao projeto fosse formado.

Logo após o primeiro encontro, que teve um número pequeno de participantes, foi realizado um intenso contato telefônico com todas as professoras que responderam “sim” à pesquisa e não compareceram ao primeiro encontro.

Foram inúmeras as justificativas ditas pelos professores que desejaram fazer a oficina, mas que não efetivaram presença. Um dos principais motivos foi que os professores pensaram que a oficina ocorreria em período de trabalho, e não no período fora da jornada. Trabalhar em dois períodos e não ter o período noturno por necessidade de atender a demandas familiares foi outro grande grupo de justificativas.

Em função da dificuldade de formar o grupo com o número de professores inicialmente pensado, foi aberta uma segunda oficina, prevista para acontecer nas manhãs de sábado de abril e maio de 2017 para quem se dispusesse.

Como tínhamos um número grande de profas. que deram um retorno de intenção muito positivo à oficina/projeto, quem sabe conseguíssemos completar o grupo. Infelizmente as datas oferecidas, para que não houvesse um avançar muito

grande no calendário, envolviam duas datas de grandes feriados, o que prejudicou em muito a formação de uma segunda turma.

Feriados envolvidos, greve de servidores municipais, inclusive professores, dificultaram a formação de um segundo grupo.

A greve dos professores municipais interferiu tanto na realização da primeira oficina, como na tentativa de fazer a segunda.

De concreto então tivemos a presença de quatro professoras representando três escolas. Já nos encontros seguintes tivemos apenas 3 professoras, uma desistiu por questões de saúde.

A oficina então foi realizada para apenas uma turma. Quatro professoras iniciaram o trabalho e três concluíram.

FASE 02 b – A oficina.

Antes do início da oficina, no primeiro encontro, foi aplicado o **2º questionário (Anexo 2)**.

Como o número de participantes foi reduzido em relação ao número idealizado, os encontros transcorreram com muita calma, com bastante espaço para conversa, troca, exploração de exercícios, perguntas e respostas. Aqui já fica um alerta para uma próxima edição do projeto. Com um número maior de participantes talvez seja necessário um tempo maior de oficina, ou um número reduzido de professores em cada grupo e mais coordenadoras de grupo. Cabe também já uma proposta, em caso de reedição, de um horário de acompanhamento durante os meses que as professoras realizam o trabalho em sala de aula. Por exemplo, um encontro de duas horas a cada 15 dias.

CONTEÚDO da OFICINA:

- Sobre a arte de contar história, atividade ancestral humana e sempre contemporânea.
- Exercícios físicos como espreguiçamentos, alongamentos, respirações, explorações vocais.
- Exercícios criativos: improvisações, brincadeiras.
- Atividades lúdicas: cantigas, adivinhações, parlendas.
- Exercícios do contar: estímulos que provocam as narrações de situações vividas.
- Quais histórias escolher? Histórias da tradição oral. Histórias com autoria definida.
- Como contar a história? Com que técnica? Ler ou Contar sem ler. Com objetos ou não?
- As chaves de acesso e encerramento ao tempo encantado das histórias.
- A preparação para contar a história. Desenvolvimento da intimidade com a história.
- A confiança na memória. A presença do narrador.
- O prazer da convivência entre narrador e ouvinte participante.

Todo este conteúdo foi desenvolvido durante cinco encontros na Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, em horários noturnos, das 19h30 às 21h30, nos dias 23 de março, 27 de março, 29 de março, 3 de abril e 10 de abril de 2017.

Os encontros sempre se iniciavam com atividades físicas e lúdicas, para depois se trabalhar o ofício do contador de histórias.

A escolha dos livros.

Importante nesta etapa foi a participação das professoras nas escolhas dos títulos. O vínculo do contador de história com a narrativa a ser contada é grande parte do sucesso para atingir o ouvinte participante.

De um rol de 55 títulos escolhemos 10 para serem trabalhados em sala de aula.

Títulos dos livros - em ordem temporal de utilização

	título	autor	editora
1	Pé de Ponte	Semíramis Paterno	Compor
2	Brincando de Bicho	M ^a Elaine Cambraia	Franco Editora
3	Não confunda	Eva Furnari	Moderna
4	A zebra, a girafa e outros bichos	Milton Camargo	Ática
5	A primavera da lagarta	Ruth Rocha	Formato
6	O menino que enxergava com o coração	Semíramis Paterno	Franco
7	Meu nome é cachorro	Ricardo Azevedo	Ediouro
8	Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais!	Ricardo Azevedo	Moderna
9	Nós	Eva Furnari	Global
10	A Cor da Vida	Semíramis Paterno	Ed. Lê

Justificativa dos títulos.

Os dois primeiros títulos são narrados somente com imagens. O objetivo é não colocar um impedimento inicial a nenhuma criança. No segundo ano fundamental ainda pode haver alguma criança com dificuldade de leitura. Os livros escolhidos com narrativas imagéticas, entretanto, são providos de conteúdo suficiente para despertar o acesso a uma narrativa artística, compreensão de contexto, elaboração mental e emocional. Os livros 2, 3 e 4 são formados de frases curtas com rima ou jogo de palavras, de forma que proporcionam muito prazer a criança. Os livros 5 e 6

proporcionam um rico diálogo com as crianças, já que propiciam que experiências pessoais de observação e vida sejam narradas. Em vários livros temos a presença instalada dos bichos. Entretanto, no livro 7 temos o texto do ponto de vista do animal. Uma grande mudança. O livro 8 proporciona interação e brincadeiras. Aqui a professora poderá escolher com qual história trabalhar, já que o livro apresenta várias.

O livro 9 já tem uma história com uma complexidade maior. Exigirá tanto mais da professora quanto também dos alunos. Neste livro é bem plausível que a professora opte pela leitura e não pela narração sem o suporte do livro. E o livro 10, novamente sem imagens, já permite um reiniciar do ciclo, um revisitar da primeira ação, mas agora já tendo proporcionado aos alunos uma diversidade de abordagens e contatos com os livros.

A compra dos livros

A compra dos livros demandou um período que se estendeu mais do que o previsto. As regras do setor financeiro e contábil impõem um ritmo mais lento do que o desejo imediato de receber os livros e ver as professoras contando histórias em sala de aula.

Foram comprados 9 livros para cada professora, total de 27. É importante a previsão de compra de um exemplar de cada livro para a coordenadora. É importante que um orçamento anterior já esteja empenhado para a realização do projeto.

FASE 02 c – 3º questionário - pós-oficina

Término da Oficina, **3º questionário** no **Anexo 2**.

As três professoras relataram que a oficina foi curta, e que o período de preparação poderia ter sido maior. Perceberam que o universo da arte de contar histórias é grande, e que ainda haveria muito mais conteúdo para ser explorado. Entretanto, também relataram que sentiam-se preparadas para o início do projeto em sala de aula.

FASE 03 – A colocação dos livros em sala de aula. Orientações de trabalho.

– O PROJETO EM AÇÃO –

A PROFESSORA CONTA A HISTÓRIA e OBSERVA AS ATITUDES DOS ALUNOS

Início:

De seus “x” alunos, quantos você julga que gostam de livros de histórias? Quantos você avalia que não gostam? Por que você avalia que não gostam? Neste momento de vida, seus alunos de forma geral gostam de folhear os livros e ver as imagens ou já gostam da narrativa em si?

Títulos dos livros - em ordem de utilização:

	título	autor	editora
1	Pé de Ponte	Semíramis Paterno	Compor
2	Brincando de Bicho	Maria Elaine Cambraia	Franco Editora
3	Não confunda	Eva Furnari	Moderna
4	A zebra, a girafa e outros bichos	Milton Camargo	Ática
5	A primavera da lagarta	Ruth Rocha	Formato
6	Meu nome é cachorro	Ricardo Azevedo	Ediouro
7	O menino que enxergava com o coração	Semíramis Paterno	Franco

8	Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais!	Ricardo Azevedo	Moderna
9	Nós	Eva Furnari	Global
10	A Cor da Vida	Semíramis Paterno	Ed. Lê

Professora, defina um dia na semana que realizará a atividade. Acalme a sala antes. Desenvolva uma chave para que eles fiquem em silêncio. Peça ajuda para que a história possa chegar.

A professora deve ter um diário de bordo. Este diário pode ser feito por gravações para facilitar o registro.

1. A professora conta a história 1 e não mostra o livro:
 - a. Que perguntas são feitas pelos alunos? Eles perguntam de onde veio a história? Como a profa. soube? A profa. “promete” trazer o livro. Durante a semana eles pedem o livro ou se esquecem dele?
 - b. Quando e como o livro foi mostrado?

2. A professora brinca com a história 2 e depois mostra o livro. Cada aluno pode ler uma “página”.
 - a. Que atitudes dos alunos podem ser observadas?

3. A professora brinca com a história 3 e depois mostra o livro. Cada aluno pode ler uma “página”.
 - a. Que atitudes dos alunos podem ser observadas?

4. A professora brinca com a história 4 e depois mostra o livro. Cada aluno pode ler uma “página”.
 - a. Que atitudes dos alunos podem ser observadas?

Obs.: Esta sequência de livros aproximou as crianças da leitura? As trovas sobre os bichos, livro 4, fluíram?

5. Os alunos durante a semana perguntam quando é o próximo dia de contar história?
A professora antes do livro 5 diz que o livro também fala de bichos, mas que agora é uma única história. Prestam atenção? Querem manipular o livro?
6. Esta história também é de bicho, mas tem alguma coisa estranha. Bicho pensa?
7. Esta história é de gente. Depois de ouvir a história até o final, quem conhecer alguém como o menino que enxergava com o coração vai levantar a mão e falar sobre a pessoa que conhece.
8. A escolher a forma da atividade. Canção, jogo, brincadeira, adivinhações, ...
9. Esta história precisa ser trabalhada ao longo de todo o projeto. É longa. Fica a critério da profa. ler ou contar.
10. Vou tentar a compra de mais exemplares do livro. Desenvolver a atividade em grupo. Um grupo desenha, outro escreve, outro vai falar a história, ...

Fim:

De seus “x” alunos, quantos você julga que gostam de livros de histórias? Quantos você avalia que não gostam? Por que você avalia que não gostam? Neste momento de vida, seus alunos de forma geral gostam de folhear os livros e ver as imagens ou já gostam da narrativa em si?

Agora, no término do projeto, você observa mudanças na classe?

FASE 04 – Acompanhamento

O acompanhamento das ações foi feito de tal forma que cada professora desse o retorno em separado, e não no grupo de WhatsApp que mantivemos para contato, porque eu não queria que o relato de uma professora interferisse na percepção da outra. Agora, já diante dos resultados, penso que esta resolução em parte foi acertada. Acredito que a percepção de cada professora poderia sofrer bastante influência em relação aos comentários das outras professoras. Entretanto, penso que se a troca pudesse permanecer no intercâmbio da experiência poderia haver um jogo de estímulos. Neste caso a profa. Lucélia poderia se beneficiar e sentir-se mais confiante em relação ao seu trabalho.

Os Livros

O investimento numa quantidade maior de livros pode aumentar significativamente os resultados.

Só ter um exemplar de cada livro possibilitou um tempo pequeno para que cada criança pudesse ter o contato do livro em suas mãos. Ao término das contações as crianças da classe pediam para pegar o livro, para segurá-lo em suas mãos, queriam folhear com tranquilidade as páginas, fazer a própria leitura e observar com calma as imagens.

A ideia inicial do projeto era que houvesse uma estante que permitisse que a criança tivesse livre acesso ao livro. Caso ela sentisse o desejo poderia pegar o livro na estante. Esta possibilidade ficou distante. Os livros ficaram de posse do professor que permitiam o manuseio depois que as histórias eram contadas. Como a sala é usada em outro período, ficou a critério de cada professora a guarda dos livros e as regras do manuseio. As três professoras permitiram que os livros circulassem de mão em mão mas com um tempo restrito.

A “posse” dos livros não estava clara antes do início do projeto. Nós na Fundação do Livro e Leitura não especificamos se os livros ficariam para a biblioteca da escola participante. Optei por deixar aos cuidados das profas., já que elas de posse

dos livros sempre poderão retomar a prática do contar histórias em sala de aula e refazer a experiência.

Houve um momento de minha parte, por entender a realidade orçamentária da Fundação do Livro e Leitura, que não insisti em ter cópia de todos os livros. Entretanto, esta condição é fundamental, uma cópia de cada exemplar para a coordenadora. O empenho da verba precisa ser calculado com maior clareza para uma reedição do projeto.

Seguem os retornos e acompanhamento do trabalho de contação de histórias das professoras Tatiane San Martino (Escola Waldemar Roberto), Taís de Fátima Batista Lázari (Escola Honorato de Lucca) e Lucélia Cassiano de Oliveira (Escola Honorato de Lucca).

Estes registros abaixo são “brutos”, textos sintéticos e não trabalhados.

PROFA. TATIANE SAN MARTINO

10 de maio

Pé de ponte (contou 9 de maio) – gostou muito, foi bem legal, ninguém conhecia a história, todos gostaram, bateram palmas no final, sorriram, bem felizes, gostaram que a história foi contada sem livro, mas ninguém perguntou sobre o livro; nem de onde a professora tinha tirado a história, Ela profa. tentou induzir, pra ver se chegavam a perguntar, mas ninguém falou de livro; ELA: eu professora devo perguntar se querem conhecer o livro?

A aproximação da professora com o livro: folheou várias vezes; usou o primeiro ano como “cobaia”, fez um treino; com o primeiro ano contou com o livro, e para o segundo ano desenvolveu uma “colinha” para contar sem o livro.

Depois da contação: perguntas das crianças, porque cada um ficava num morro? Do que eles (os personagens) brincavam? (responderam com as lembranças) Nos comentários das crianças elas trazem exemplos de casa; (existem mais comentários no áudio) ... Sugestão: com dois galhos um de cada lado chegariam mais rápido.

Comentário meu: os alunos conseguiram fazer a visualização da narrativa ...

AFINAL, A PROFA DEPOIS MOSTROU O LIVRO?

11 de maio

Chave nova: fez um mix; pediu silêncio, apagou a luz, disse que ia contar uma história e que todas as vezes que fosse contar história começaria assim; cantou a música do coração, as crianças chacoalharam mãos, nas mãos apareceram a florzinha e a vela; a florzinha foi inspirada e a vela assoprada; no encerramento disse: a história entrou por uma porta e saiu por outra quem gostou? ... e já começou a conversar.

15 de maio

Perguntou sobre os registros escritos.

22 de maio

Brincando de bicho (quinta, dia 18), mesma porta de entrada, (deixou aberto a vela acesa, só percebeu neste relato); ficaram super empolgados com as rimas, riram bastante, (ela se esqueceu de apagar a velinha, se esqueceu de fechar); adoraram, cada um leu uma rima, quando acabou o livro eles levantavam as mãos para fazer rima, explorou o livro, gostaram de ver as imagens, ficou praticamente a manhã inteira com a atividade; foi muito importante pra eles terem o contato com o livro, o contato direto deles com o livro; ainda é novo pra eles saber ler, eles acham o máximo saber ler; SABER LER, TER O CONTATO COM O LIVRO, PEGAR O LIVRO, BRINCAR COM A RIMA, INVENTAR RIMA, são ações prazerosas.

Diferenças importantes entre os dois livros já feitos: um livro que tocou pelo tema (amizade) e outro que tocou pela brincadeira.

Ela está fazendo o treino do “Não confunda” com o primeiro ano.

23 de maio (por escrito):

A profa. tatiane afirmou que está sendo muito diferente do que ela fazia antes. Antes era só a leitura, sem explorar tanto, sem ela tentar se apropriar da história.

6 de junho

Não confunda (dia 29 de maio) foi bem legal também; as crianças perceberam a presença das rimas, perceberam a constância de, “não confunda”, gostaram dos desenhos, se divertiram, a professora leu, depois os alunos leram, um aluno disse que o “livro era de comédia”, **(IDENTIFICARAM GÊNERO)** depois do livro ficaram criando rimas, a cada livro eles dão mais atenção desde a hora da chave; agora é o projeto de leitura, eles já ficam quietos esperando a “nova” história. Dessa vez fez a abertura e o encerramento; fizeram a velinha apagada.

Perguntou se haveria necessidade de fazer duas histórias para “alcançar” as outras professoras.

Cada livro é uma atividade. Construção de frases, lista de palavras, desenho, tudo bem ? ENTÃO, EU FUI MAIS SEVERA COM A TAÍS

Obs: provavelmente meu julgamento advém de afirmações ouvidas de Taís: por exemplo – ela fez um julgamento sobre “a formiga e a cigarra”, condenou a preguiça da cigarra, e também comparou a cigarra ao aluno que não estuda e depois repete de ano.

12 de junho

“A zebra, a girafa e outros bichos” (dia 8 – quinta) – fez abertura e encerramento; mostrou pra eles as imagens (xerox) um aluno observou que a maioria das histórias tem rima; outra pergunta, pq a zebra faz careta? - pq nem ela sabe se ela é preta ou branca!!! Kkk

Desenvolveu depois a atividade de DESENHO.

24 de junho - Áudio

Livro 5 – primavera da lagarta (dia 13)

O foco dos alunos girou sobre a transformação da borboleta; quem já conhecia o casulo, arregalava os olhos e queria falar; eles se interessam bastante por histórias

com animais; falam de experiências pessoais como ida ao bosque; pediram para ver o livro (já sabem que a profa. mostra) a professora mostrou antes as imagens; mostraram bastante interesse em querer pegar o livro para ver as imagens; eles queriam ver as imagens com ansiedade (tanto comparar com imagens já adquiridas por experiência própria, como também comparar com imagens ouvidas durante a contação “ovinhos do tamanho da cabeça do alfinete”); no final pediram para desenhar a história;

Livro 6 – o menino que enxergava com o coração

Fez no início da aula – (foi o livro que ela fez na oficina) pararam com atenção, não é uma história de bicho, é uma história que faz refletir, “ele tinha olho no coração?” e várias respostas... é pq ele não consegue enxergar ele enxerga com o coração; ele sente com o coração, ele ficava imaginando, ... respeito às diferenças, as diferenças não tornam ninguém melhor com o outro. (índio também é ser humano); gerou uma conversa espontânea sobre diferenças.

Atividade: sobre os cinco sentidos;

26 de junho

Iniciamos a possibilidade de contar uma história no auditório para várias turmas.

13 de julho

Livro 8 – Você diz que sabe muito, escolheu duas historinhas:

(no dia 29 de junho, pág. 43, sítio do zé valente) as crianças achavam tudo estranho; comentando as estranhices; descobrir o que é certo e errado; descobriram que eram coisas de roça; o que é que estava ao contrário?; 6 de julho, página 28; aí chegaram na descoberta que a frase tem duas vezes a mesma palavra mas que tem sentidos diferentes; descobriram que isso não é rima;

Atividade: desenharam os dois sentidos;

24 de julho

Nós – hoje, retorno do recesso; a profa. explicou que não seria contação, seria leitura; parou na metade, página 25 (a personagem fugiu, encontrou um menino); para eles

esperarem o resultado; ficaram muito curiosos sobre como dar nós; “é só no livro”, não pode dar nó no osso; uns ficaram na dúvida;

PROFA. TAÍS de FÁTIMA BATISTA LÁZARI

15 de maio

Chave: parakaô

Pé de ponte: contou a história sem mostrar o livro, houve um total envolvimento da classe.

Uma aluna perguntou onde estava o livro e disse: “não existe história que não tenha o seu livro” outro aluno perguntou se a professora tinha aprendido no celular. A profa respondeu que aprendeu num curso.

A profa prometeu mostrar o livro no dia seguinte. Na saída uma aluna foi abraçá-la e pediu que a profa não esquecesse o livro. A profa foi mostrar o livro somente na sexta (a história foi contada na segunda) e os alunos cobraram todos os dias. Depois o livro foi mostrado folha por folha. Passou de mão em mão. Os alunos demonstraram alegria e satisfação em conhecer o livro.

Taís, você se lembra porque só foi mostrar o livro bem depois? Para aumentar a curiosidade? Por questão de planejamento de conteúdo?

24 de maio

Livro 2: Brincando de bicho (16 maio). Cantaram parakaô. Contou o livro e foi mostrando cada página. Ficaram entusiasmados para ouvir as próximas rimas, se divertiam muito no decorrer da história ... Depois que a profa. leu o livro todo pediram para que fosse lido novamente e então os alunos que já conseguem ler, leram cada uma uma página. Pediram para ver o livro e foi passado de mão em mão.

Na segunda dia 29 maio alguns alunos pediram individualmente para que a profa. contasse mais histórias. Outros pediram que contasse a história da “serpente contente” de novo.

No dia 23 maio contou o livro 3 – Não confunda. Também abriu com o “parakaô”, mostrou o livro. Perguntou se os alunos se confundem no dia a dia. A profa. começou a ler e os alunos se divertiram muito. Alguns alunos foram chamados para ler e eles ficaram encantados de contar uma parte da história e fazer a classe toda dar gargalhada. Tinha uma estagiária na classe que ficou muito admirada.

7 de junho

Vários alunos pediram para que o livro “não confunda” fosse lido e a profa prometeu ler outros. Ficaram ansiosos.

Na quinta 1 de junho foi lido o livro 4 A zebra ... fazendo revezamento dos alunos leitores cada um leu uma página. Mostraram muita ansiedade antes de visualizarem as páginas.

Esta professora não deixou os alunos manusearem as páginas (a Tatiane deixou pintar) **FEZ DITADOS DE PALAVRAS RETIRADAS DO LIVRO**

A professora disse que este trabalho está aproximando mais as crianças dos livros. Desejo de manusear.

Livro a Lagarta.

15 de maio (esse é o texto transcrito do celular)

A devolutiva do livro Pé de ponte.

Contei a história sem mostrar o livro, houve um total envolvimento da classe.

Antes ensinei a chave "paracaô" aprenderam rápido!

Eles me questionaram onde aprendi a história e tbm a música.

Um aluna perguntou onde estava o livro e disse - "não existe história que não tenha o seu livro"

Outro aluno me perguntou se aprendi pelo celular.

Contei que aprendi em um curso.

Prometi mostrar o livro no dia seguinte, na saída uma aluna foi me abraçar e disse pra eu não esquecer de levar o livro, mas no dia seguinte não mostrei, eles me cobraram.

POR QUE NÃO MOSTROU O LIVRO?

Mostrei somente na sexta-feira e eles me cobraram todos os dias, contei na segunda.

Mostrei 3 livros juntos e pedi para eles observarem e descobrir qual era o livro da historia contada e os que já sabem ler logo indicaram o livro certo.

Ficaram muito curiosos em ver o livro e mostrei página por página.

Pediram para manusear o livro mostrando alegria e satisfação por enfim conhecer o livro. O livro passou de mão em mão enquanto eu passava uma atividade.

Ótima experiência!

24 de maio

Livro 2 - Brincando de bicho.

Contei dia 16/5 terça-feira.

Cantamos o "paracô"

Contei com o livro e fui mostrando cada página...

Ficaram entusiasmados para ouvir as próximas rimas, se divertiram muito no decorrer da história...

Depois que li todo o livro, pediram para eu lê-lo novamente em seguida, então chamei os alunos que já conseguem ler e cada um leu uma página.

Pediram para ver o livro e passei na mão de todos.

Nessa segunda 24/5 alguns alunos me pediram individualmente para contar mais uma história, ja outros pediram para eu contar a história da "serpente contente" de novo.

Ontem 23/5 contei o livro 3 - Não confunda.

Também abri com "paracaô", mostrei o livro, comentei sobre a autora. Questionei se eles costumam se confundir no dia a dia.

Comecei a ler e se divertiram muito, como o livro tem varias páginas, chamei alguns alunos para ler e eles ficaram encantados de contar uma parte da história e fazer a classe todo dar gargalhadas.

Tinha uma estagiária na classe, ficou admirada!

7 de junho

Durante a semana passada vários alunos pediram para eu ler o livro "Não confunda", prometi que leria outro e ficaram ansiosos.

Na quinta-feira 1/6 li o livro 4... A zebra, a girafa e outros bichos, fazendo um revezamento dos alunos leitores, cada um leu uma página, mostrei cada ilustração, mostraram muita ansiedade antes de visualizarem as páginas.

Questionaram porque o livro estava com as páginas soltas e contei que tiramos cópias do livro original para todas as professoras terem o livro.

Adoraram e pediram para ver, infelizmente nao consegui encadernar e achei melhor não deixar nas mãos deles para não misturar as páginas.

Trabalhei ditado de palavras retiradas do livro.

Eles relacionaram as rimas comparando aos outros livros lidos.

Esse trabalho está aproximando-os muito mais dos livros, despertando a vontade de manusear livros.

Hoje, trabalhei o livro 5. "A PRIMAVERA DA LAGARTA", fiz como pediu o roteiro do projeto.

✓Perguntaram quando seria a proxima história.

✓ Quando peguei a sacolinha com os livros no meu armário os alunos já começaram a cantar a chave "paracaô" comentei que o livro também fala de bichos, mas apenas de um... qual seria? E responderam vários bichos... até pedirem para eu contar qual era realmente.

✓ na hora da leitura eles não conseguiam ficar sentados, ansiosos se aproximavam para ver melhor o livro e por questão de ordem pedi para que eles se sentassem, infelizmente...

Entraram na história... se lembraram da cigarra da história de "a cigarra e a formiga" , questionaram a ausência da lagarta na reunião e porque estavam falando coisas ruins dela.

Se interessaram muito no final do livro onde mostra como a borboleta se forma.

✓ assim que terminei já pediram para manusear o livro.

Estamos trabalhando ditados de frases do livro e a reescrita da história...

26 de julho

Relato do livro 7 "O menino que enxergava com o coração"

Foi o que menos houve empolgação da parte dos alunos, ouviram com atenção até o final, porém não demonstram a mesma euforia como nos outros, até porque os outros continham rimas engraçadas e este apresenta uma história da realidade.

Poucos comentários e não pediram para folhear o livro.

Acredito que ficaram pensando na história do menino fiz alguns questionamentos oralmente, mas nem todos quiseram falar.

Livro 8

Trabalhei na última semana de junho, mas na primeira de julho os alunos já entraram de férias por conta própria rsrs

Escolhi o poema " Luz de fantasia"

Gostaram!

Produção textual: Você tem um sonho? Qual?

O que está fazendo para que ele se realize?

Trabalhei tbm algumas receitas.Quantidades e medidas. Partes de uma receita... ingredientes, modo de preparo, rendimento, custo, tempo de preparo.

PROFA. LUCÉLIA CASSIANO de OLIVEIRA

16 de maio - Áudio:

Essa leitura foi “pé de ponte” ou “brincando de bicho?”

Fez a “leitura” deu certo; mas é semana de prova ela está atribulada.

17 de maio - texto

No dia 11 de maio contei a história PÉ DE PONTE.

Nos dias anteriores mostrei a capa do livro , eles perguntaram sobre o que falava. Prometi contar depois.

Na quinta iniciei o assunto , falei sobre a autora, fui perguntando as SUPOSIÇÕES deles da história.

Foi muito bacana, pois prestaram atenção e percebi que eles se deliciavam.

Mas no dia seguinte não lembraram de pedir para eu mostrar o livro NÃO.

Ah! Fiz a abertura da CONTACAO com a florzinha e a vela.

Para hoje é só o que tenho para contar.

ELA ENTENDEU O CONTRÁRIO? QUE AO INVÉS DE CONTAR SEM MOSTRAR O LIVRO ELA MOSTROU O LIVRO SEM CONTAR?

Lucélia FUND: Te falei que mostrei a capa antes porque tinha me esquecido que ERA SÓ PARA CONTAR....desculpa

19 de maio - áudio

Falou o nome da autora; nesse livro teriam rimas; fez a brincadeira da flor e da vela; eles ficaram encantados com a leitura; gargalhavam com as rimas; passou o livro pela mão de cada um;

26 de maio

Miriam li a história da Eva Furnari para as minhas crianças do 2C.

Eles gostaram bastante do livro NÃO CONFUNDA.

Acho interessante que eles gostam de rimas e repetem a segunda parte.

Eles comentam "ISSO RIMA " e riem.

Um beijo e obrigada pela oportunidade de contar a 3 história .

2 de junho – áudio

Leu – a zebra a girafa e outros bichos – deliraram com os desenhos dos livros; quais animais estariam na história; pediram para ler novamente; se entusiasmaram; gostaram bastante da história;

PORQUE NA REUNIÃO ENTÃO ELA DISSE QUE A CLASSE NÃO ESTAVA GOSTANDO?

9 de junho

Hoje contei a história A PRIMAVERA DA LAGARTA .

Não fiz nenhum momento anterior p se acalmaram.

PORQUE?

Comecei , eles não sabiam o que era LAGARTA, falavam "largata".

Um dos meninos logo "sacou" que a lagarta tinha sumido pq tinha virado borboleta .

Gostaram da história.

No final surgiu até uma reflexozinha sobre a fala:

"É PRECISO TER PACIÊNCIA COM AS LAGARTAS, SE QUIERMOS CONHECER AS BORBOLETAS"

Na reunião de avaliação de processo realizada em junho foi aplicado o **4º questionário. (ver Anexo 2)**

Neste dia tomamos algumas decisões de percurso. Assumi fazer uma visita na escola da profa. Lucélia e assistir um momento seu de contação de história com o intuito de ajudá-la a conquistar um maior envolvimento com a classe. A profa. Lucélia narrou que sua sala é bastante heterogênea, com a presença de vários alunos com bastante dificuldade de concentração e aprendizagem. Decidi também fazer uma participação contando histórias em cada uma das duas escolas. Dessa forma a finalização do projeto ficaria enriquecida. A história escolhida foi "A História do Barquinho", de Ilo Krugli.

A minha apresentação na Escola Honorato de Lucca foi realizada no dia 08 de agosto com a união das duas salas das profas. Lucélia e Taís. Foi uma troca de afetos.

A minha apresentação na Escola Waldemar Roberto foi no dia 17 de agosto e realizada no auditório da escola com a presença de quatro salas de aula. Neste dia a cantora Eula Hallak foi convidada a participar.

FASE 05 – Aplicação do questionário final

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

Questionário posterior às ações idealizadas e realizadas.

1. Você realizou todas as histórias propostas? Sim? Não? Por quê?

As três professoras realizaram todo o projeto previsto. Ressaltaram que a reunião de junho foi muito importante para a organização e finalização do projeto dentro do cronograma.

2. Na sua opinião, a prática de contar histórias favorece a formação do leitor na sala de aula? Que observações você pode trazer?

As três professoras ressaltaram que sim, justificando:

- os alunos mudaram significativamente a maneira de manusear o livro;
- o projeto despertou o interesse do aluno saber a história que cada livro guarda;
- os alunos se colocaram com mais liberdade nas viagens por diferentes tempos e lugares.

3. A escolha dos livros do projeto foi acertada?

As três professoras afirmaram que a escolha dos livros foi acertada, e ressaltaram a importância de participarem da escolha dos títulos. Também foi ressaltado que cada livro propiciou um trabalho diferente com os alunos.

4. O projeto por trabalhar com a oralidade favoreceu a integração entre os alunos alfabetizados e ainda não alfabetizados?

As três professoras reconheceram que a atividade de contar história propiciou uma interação entre os alunos alfabetizados e os que ainda apresentam dificuldade na escrita e leitura. O fato da professora trazer a história pela voz e todos poderem opinar a respeito propiciou um momento de integração da classe.

5. O projeto permitiu um vínculo mais afetivo do professor com as crianças? E entre as crianças? Comente.

As professoras disseram sim e destacaram:

- “Os alunos me perceberam mais envolvida com as histórias, com maior apropriação e familiaridade, o que fez com que o prazer em me ouvir aumentasse. Isto foi perceptível pelo silêncio e olhares.”
- “Quando o professor transmite sentimentos através da história cria laços afetivos com os alunos, e também faz com que os próprios alunos se olhem e se tratem de maneira diferente.”
- “A contação de histórias trouxe aos alunos a oportunidade de compactuar sentimentos. A troca com a professora foi além do ouvir”.

6. É possível fazer o mesmo trabalho sem desenvolver atividades didático-pedagógicas sobre as histórias contadas?

- “A abordagem didático-pedagógica é feita principalmente porque os resultados são solicitados nas avaliações estadual e municipal: ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização) e Prova Brasil.”
- “Sempre uso a interpretação escrita depois da oral, como também a feitura de desenhos. Temos que prepará-los em todas as oportunidades, pois serão avaliados assim.”
- “É possível, porém as atividades didático-pedagógicas possibilitam enriquecimento e troca entre os alunos.”

7. Como você idealiza um espaço possível que a criança possa ter acesso ao livro de forma livre? (Estante em sala de aula, somente na biblioteca, ...) Comente.

As professoras não comentaram uma situação ideal, mas relataram o que já existe:

- A profa. Tatiane tem caixas de livro em sala de aula que são usados pelos alunos em momentos de espera. Estes livros não são para serem levados pra casa. Além da biblioteca, na escola tem a cortina com livros diversos à vontade para leitura espontânea no pátio.

- A profa. Taís ressaltou que em sua escola tem a “geladeiroteca” no pátio, com livros para serem usados no recreio. Tem a biblioteca para que os alunos possam retirar livros (ela idealiza pelo menos uma retirada por aluno por semana), e uma estante em sala para cada professor.

8. Sentiu alguma mudança em você por participar do projeto?

9. O projeto alterou alguma prática sua em sala de aula?

10. Sentiu alguma mudança em seus alunos em função da realização do projeto?

As professoras reafirmaram frases já ditas ao longo do projeto. A principal mudança é em relação ao fato de se disporem a contar a história, e não apenas lê-la. Ressaltaram a importância de trabalhar com as chaves de acesso ao encantamento (introduções propícias) que preparam o ambiente para receber a história, o reconhecimento da importância da postura do contador e da entonação da voz. Tratar a história como um tesouro a ser compartilhado fez com que o entusiasmo das professoras aumentasse pela atividade. Os alunos pediram que histórias fossem mais contadas, e também trouxeram de casa histórias para serem compartilhadas.

FASE 06 – Análise

Seguem alguns destaques das observações embasadas nos questionários preenchidos, nos relatos de áudio e nos relatos escritos enviados por WhatsApp.

O projeto foi bem aceito na sala de aula desde o seu início

As três professoras relataram um bom início na realização do projeto comprovado pela alegria demonstrada pelos alunos depois que ouviram a história, uma vibração positiva. Fatos verificados e relatados pelas professoras Taís e Tatiane: um comportamento de entusiasmo, palmas ao final da história, os alunos quererem comentar a história e a motivação permanecer por um longo tempo entre eles.

Diferença entre contar e ler

A professora Tatiane relatou que a ação de contar histórias sem o livro na mão provocou uma mudança imediata na percepção das crianças, tanto sobre a forma de como contar a história, como também sobre a atitude da professora. Um clima novo pairava no ar. O vínculo entre a professora e os alunos tornou-se maior quando a história foi contada sem o livro. A professora também sentiu a diferença em se apropriar da história e contá-la sem o livro como algo bem diferente de apenas fazer uma leitura em sala de aula. Sentiu que o comprometimento com a narrativa tornou-se maior.

Os primeiros livros foram muito bem recebidos

De forma geral, os alunos desta idade manifestaram um interesse enorme pela rima. Divertiram-se, quiseram ouvir a história mais de uma vez, criaram rimas, pediram para a professora contar a história outra vez, quiseram ler também. Os primeiros livros, com frases curtas (“Brincando de Bicho”, “Não Confunda” e “A Zebra, a Girafa e Outros Bichos”), permitiram o acesso das crianças pela curiosidade, pelo prazer, pela brincadeira, pelo riso, e propuseram desafios à altura da capacidade da classe. Foram livros muito bem recebidos e conseqüentemente escolhas acertadas que permitiram o envolvimento dos alunos.

Toda história tem seu livro?

No livro 1 (Pé de Ponte) na turma da profa. Tatiane os alunos não fizeram perguntas sobre o livro, se a história contada tinha vindo de um livro. Já na turma da profa. Taís, uma aluna afirmou que toda história tem seu livro e ela queria saber de qual livro aquela história tinha vindo. Também nesta turma um aluno perguntou se a profa. aprendeu aquela história no celular. Esta frase da criança identifica uma mudança significativa de paradigma na educação: neste caso, a criança identifica o celular como fonte de conhecimento e não o livro.

Na turma da profa. Taís, uma aluna foi abraçá-la pedindo que a professora não esquecesse de levar o livro na aula seguinte como prometido. O desejo foi intenso demonstrado por esta ação realizada pela criança.

A preparação anterior é fundamental

A preparação para o início da história é fundamental para o acolhimento da narrativa e conseqüentemente o sucesso do projeto. As professoras Tatiane e Taís relataram que as crianças assim que aprenderam “as chaves” do início se colocavam em comportamento de escuta, silêncio e espera; elas participavam das “chaves de acesso” para a contação da história. O apagar da luz, a cantiga “parakaô”, o pegar a sacola com os livros, a cantiga “eu vou lhe contar uma história” já instalavam um clima receptivo para a atividade. Uma observação por via negativa, mas que indica uma conclusão semelhante, é a da profa. Lucélia que relatou que deixou de fazer a preparação e que a concentração de seus alunos em sua sala estava muito difícil.

A descoberta do gênero literário

Sem que o termo literário “gênero” fosse discutido, dois relatos sobre esta questão merecem ser destacados. Os alunos da profa. Taís queriam que o livro “Não confunda” fosse lido novamente em sala de aula. Então a profa. chamou aqueles que queriam ler que fossem à frente e o fizessem para a sala inteira. Houve uma grande adesão e alegria, pois os alunos queriam ler as frases e ter o prazer de, a partir delas, proporcionar o riso dos colegas na classe. Queriam sentir o gosto e o prazer de poder provocar a diversão entre os amigos. Outro aluno da profa. Tatiane, num comentário espontâneo, identificou o livro “Não confunda” como livro de comédia.

Utilização das histórias para fins didáticos

As professoras Tatiane e Taís fizeram as apresentações das histórias pela orientação do projeto, mas depois utilizaram as histórias para alguma atividade didática, por exemplo lista de palavras, desenho ou ditado. Para uma segunda edição do projeto, caso queira-se um envolvimento da criança com o livro sem uma associação direta a uma finalidade didático-pedagógica de aprendizado, será necessário enfatizar para que as professoras não desenvolvam atividades pedagógicas na sequência. É uma decorrência quase que “inquestionável” a exploração da atividade, por parte da professora para com a classe, a realização de algum estudo de escrita como única forma de aquisição de conhecimento.

Querer o livro nas mãos

As crianças das três professoras demonstraram de maneira geral muito interesse em pegar o livro nas mãos depois que a história foi contada. Dependendo do tempo e do momento as professoras circularam o livro passando de carteira em carteira. As crianças tiveram muito prazer em pegar o livro nas mãos para identificar detalhes nos desenhos e ler as frases, como também comparar imagens próprias de experiências pessoais com as imagens do livro. As crianças manifestaram um prazer muito grande em conseguir fazer as primeiras leituras.

Fica aqui o indicativo de se ter mais exemplares para várias crianças manusearem o livro simultaneamente.

As histórias e as experiências pessoais

No livro “A primavera da lagarta” as crianças falaram muito de suas observações próprias, experiências vividas e o conhecimento que já tinham a respeito das lagartas. A metamorfose da lagarta, o tempo do casulo, são situações que despertam um grande interesse da criança. É a vida manifesta em mistério e ao mesmo tempo passível de observação. Walter Benjamin, em seu ensaio *O Narrador* enfatiza o poder das histórias e o enriquecimento pessoal proporcionado pela troca de experiências que as narrativas proporcionam.

O envolvimento da professora com a história

É fundamental para o êxito das contações que a professora goste da história que será narrada. Fico em dúvida se o desinteresse da classe pelo livro “O menino que enxergava com o coração” narrado pela profa. Taís foi realmente dos alunos ou da própria professora. É fundamental que ela – a professora – queira contar aquela história e tenha dentro de si a força que a história necessita para ser expressa. Cabe lembrar, mais uma vez, o quão importante é que a professora participe da escolha dos livros e histórias.

Descobertas e aprendizados

As descobertas e os aprendizados irão acontecer, mesmo que não sejam feitas atividades didático-pedagógicas na sequência da contação.

Nos livros que apresentaram rimas naturalmente as crianças se puseram na exploração de palavras que rimam. Não foi preciso nem pedir. Foi uma exploração natural de vocabulário.

Na sala de aula da profa. Tatiane os alunos descobriram, comparando os livros do início com o do Ricardo Azevedo “Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais”, que uma palavra pode ter dois sentidos bem diferentes, e que isto não se chama rima. Por exemplo, “a pata quebrou a pata” provocou a descoberta de que esta frase tem duas vezes a mesma palavra, mas com sentidos diferentes, e que isto não é rima.

Também na sala da profa. Tatiane o livro “Nós”, que a professora optou por ler em duas sessões, causou excelentes observações. Primeiro a descoberta da metáfora: “como é possível dar um nó no corpo humano se temos ossos?” Foi um pensamento real de uma criança, da mesma forma que uma resposta de outra criança veio para explicar: “é só no livro”, como se dissesse “é de faz de conta”. E houve também a criança que ficou em dúvida pensando, se era possível dar nó no corpo. Como é fascinante permitir que a criança, que vive tantas contradições do mundo adulto, que vive tantos nós e choro na garganta, possa ter um tempo ficcional de trabalhar imagens, sentimentos internos e pessoais, até à descoberta da metáfora. A profa. Lucélia narrou que em sua sala uma das crianças disse “os nós são mágoas”.

Diferença entre os trabalhos das professoras

Enquanto que a profa. Tatiane deixou as crianças desenharem e pintarem nas páginas do livro “A zebra, a girafa e outros bichos”, a profa. Tatiane nem deixou os alunos pegarem as folhas nas próprias mãos, pra não correr o risco de tirar as folhas fora de ordem. Cabe a observação de que o livro “A zebra, a girafa e outros bichos” foi xerocado em cores e sulfite com alta gramatura porque o livro foi escolhido por sua qualidade, mas está completamente esgotado. Mesmo a busca em sebos não ofereceu um bom resultado. Entre os livreiros um livro assim é chamado de “mosca branca”. As folhas então foram xerocadas e não foram encadernadas para que as professoras pudessem trabalhar como quisessem, até mesmo distribuindo uma folha para cada criança.

Fase 07 – Conclusão

Esta pesquisa realizada pela **Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto** no ano de 2017 se propôs a estudar como a influência do professor se faz para que o aluno se aproxime do livro e, conseqüentemente da leitura, e em especial, se a prática de contar histórias em sala de aula pode ser apontada como ação motivadora.

O trabalho desenvolvido e já descrito embasa uma resposta sonora afirmativa e com convicção. Sim, as atividades de contar histórias desenvolvidas pelas professoras na sala de aula do 2º ano do Fundamental I resultaram num grande interesse por parte dos alunos em querer se aproximar do livro e realizar a própria leitura.

A escolha do 2º ano do Fundamental I para realização do projeto foi acertada. É claro que em qualquer idade e ano escolar uma pesquisa semelhante pode ser realizada. No caso, o 2º ano do Fundamental I permitiu o trabalho com um grupo de crianças que transita do meio de expressão da oralidade para o conhecimento da leitura e escrita. A oralidade da história com as crianças permitiu a integração da sala de aula como um todo, independentemente da alfabetização completa ou não entre os alunos, já que é possível a presença de crianças que ainda não tenham o domínio da leitura e escrita. A voz da história unifica o grupo, traz uma experiência comum entre os já alfabetizados e os que apresentam maior dificuldade.

Um vínculo renovado foi estabelecido entre as professoras e as crianças, um momento de afetividade presente, um entorno de alegria, um estímulo à expressão dos alunos, tudo isto pode ser observado.

Ainda que não fosse o alvo da observação, o contato com uma gama variada de histórias estimula o pensamento, a memória, associações de ideias e a expressividade das crianças, já que elas se colocam com entusiasmo para fazer comentários.

O prazer

A ação de contar a história pela professora funciona como um convite. Sabemos como é importante a função de um anfitrião ou anfitriã em eventos culturais. A recepção e o acolhimento são fundamentais para que o convidado sinta-se inteiro e

possa estar confiante, participante. Diante de uma ação cultural em que a pessoa nunca esteve presente, como por exemplo ir ao teatro, é tão mais gostoso quando alguém convida e acompanha, compartilhando a experiência e seus sabores. Em nosso projeto, a ação da professora de contar histórias convida a criança a partilhar momentos de liberdade, de prazer, de integração com o outro, de compartilhamentos de experiências.

Penso que este é o principal fruto da pesquisa e o ponto a ser mais acentuado em caso de outra edição do projeto, **a fruição da cultura e da arte**. Em sala de aula principalmente as professoras Tatiane e Taís relataram o prazer dos alunos em relação à atividade do contar histórias. Tanto as professoras como seus alunos perceberam uma atitude diferente. As chaves de acesso ao encantamento, quer seja o apagar das luzes, as cantigas, a imaginação da flor e a vela como portas abertas ao extra cotidiano.

Penso que inclusive, diferente da permissividade desta edição, devemos ter a coragem definitiva de não realizar nenhuma atividade didática ou pedagógica posterior à narração das histórias. Que o acesso ao livro nas ações do projeto tenham primordialmente a principal finalidade de apresentar o livro artisticamente ao jovem leitor.

Eu não interferi nas ações da professora Taís e cedi quando a professora Tatiane me perguntou se poderia fazer atividades escolares sobre as histórias. Numa próxima edição acredito que as contações das histórias devam ser desvinculadas dos exercícios didáticos e pedagógicos. Ou pelo menos, para a exigência não errar ao contrário, uma ou outra atividade escolar seja pedida. Não podemos nos esquecer que o prazer também é um sentimento, um estado afetivo que se ensina e aprende. A literatura proporciona o debate das ideias e compartilhamento de sentimentos entre os participantes.

O principal poder da literatura oral está em proporcionar às crianças leituras novas e a crença na capacidade delas se inspirarem num fluxo de mão dupla, tanto para enriquecer experiências de vida, como também, saber percorrer o mundo da ficção.

A troca de ideias, sentimentos e experiências é o grandioso aprendizado.

Respostas das crianças

Vontade imediata de pegar o livro. Queriam aproximar-se do livro, pegar o livro. Houve relato das professoras que, mesmo durante a narração da história, os alunos foram se aproximando. As regras de disciplina entretanto impediram este aconchego. As crianças voltaram às suas carteiras até que a história chegasse ao fim e o livro pudesse circular de mão em mão.

Houve também relatos recorrentes de pedidos de que as professoras novamente contassem a história. As crianças apresentam este comportamento de querer vivenciar novamente o prazer. Elas sabem trabalhar a reconstrução como “se fosse a primeira vez” e esperar o clímax como quem desconhece os pontos culminantes da história.

Escolha e ordem dos livros

A escolha e ordem dos livros é de ordem fundamental para o sucesso do projeto. É imprescindível que o professor opine sobre os títulos, sugira opções, participe da decisão dos livros que serão escolhidos.

Em nosso caso, a escolha foi acertada. Havia um desenho esquematizado no percurso das histórias, desde a provocação do primeiro livro, “Pé de Ponte” com uma narrativa sem texto, o que já permitiu diversos caminhos de leitura, até um livro que desperta múltiplos entendimentos através da metáfora dos nós humanos em “Nós”.

Abre-se aqui um alerta para a previsão e empenho financeiro do investimento a ser realizado, para que a pesquisa flua.

A oficina

As professoras são diferentes entre si. Há quem tenha mais facilidade e há quem tenha maior dificuldade na ação de contar histórias, mesmo sendo uma suposição de que o professor, principalmente de crianças, pratique esta atividade.

A oficina pode até ter o mesmo período de duração, mas sugiro um acompanhamento quinzenal presencial para ajudar a preparação da professora com as histórias, para que ela não se sinta sozinha e desprotegida no trabalho.

Atualmente observa-se que o investimento material ocorre. Como exemplo cito a caixa de livros enviada pelo Ministério da Educação às Escolas que participaram do projeto Alfabetização na Idade Correta. Uma caixa com mais de 20 títulos de excelente qualidade. Entretanto, pude observar também, que em uma determinada escola a professora não sabia como explorar aquele material. Nesta situação, havia o equipamento, mas para que o resultado fosse alcançado ainda era necessário o investimento humano.

A experiência e o debate genuíno

O que é possível assegurar é que as histórias ajudam a estabelecer um intercâmbio entre experiências e recordações. A criança fica envolta num estado que provoca vir à tona sua experiência pessoal. Isto proporciona uma experiência criativa e prazerosa de aprendizagem. O conhecimento se transforma em algo significativo e relacionado com sua experiência.

Assim a educação não se firma via um depósito de informações, mas resulta em um intercâmbio entre a experiência de vida e um texto literário. Um debate genuíno pode ser estimulado.

“Na literatura, os mundos sociais e psicológicos conversam. Disto decorre uma habilidade nos participantes em incorporar elementos diferentes, às vezes opostos, e intercambiá-los. Os leitores alimentam-se assim de um poder de enfrentar situações complexas, e nem sempre diferentes das próprias vividas. O conceito de polifonia de Bakhtín sugere que os encontros com a ficção são apropriados para gerar diálogos fora do comum, inspirados por diferentes laços temáticos que se entremesclam.” (HIRSCHMAN, Sarah in Gente y Cuentos)

Fortalecimento da metodologia e conteúdo do projeto

O contato com o livro “Gente y Cuentos” durante o projeto foi muito feliz e oportuno. Três pontos ressaltados neste livro que inicialmente não fazia parte da bibliografia são essências e comuns: os livros/as histórias, a preparação das professoras participantes, a coordenação.

QUE LIVROS ESCOLHER? No caso dos adultos, contos que apresentam sombras, espaços para questionamentos. Pensando no caso das crianças, contos que

não sejam totalmente cristalinos e didáticos, e sim livros que apresentem espaços para conversa.

COMO AS PROFESSORAS DEVEM SE PREPARAR PARA CONTAR AS HISTÓRIAS?

As professoras precisam ler livremente o conto uma primeira vez; uma segunda vez de forma mais crítica; uma terceira vez para formular e planejar perguntas.

Depois de estabelecer uma conexão íntima com o texto da história, estudá-lo e decidir qual a melhor maneira de apresentá-lo às crianças da sala.

O livro “Gente y Cuentos” sugere uma abordagem: diferenciação entre pontos luminosos do texto e temas.

O levantamento de perguntas que podem ser feitas é essencial para uma boa abertura de ideias sobre a história e levantamento de alternativas de interpretação.

A primeira etapa pressupõe entrar no conto, ler e reler várias vezes para sentir o prazer pessoal, deixar a imaginação voar, saborear as imagens e a linguagem. A segunda etapa exige uma atenção à estrutura, às características particulares. Em “Gente Y Cuentos” a autora assim orienta as novas coordenadoras: Observe: 1. Cenário poético 2. Contrastes e confrontos 3. Sombras 4. Temas. Estas são abordagens que podem ser incluídas no processo de apreensão da história pela professora.

O livro “Gente y Cuentos” também indica aceitar com humildade que toda preparação pode deixar-se seguir pelo espontâneo. Em nosso caso, cada professora teve seu espaço para agir na sala de aula. Por exemplo, a profa. Tatiane desenvolveu uma “colinha” quando contou a primeira história. Também teve a iniciativa própria de ensaiar a atividade no primeiro ano do Fundamental I na mesma escola onde dá aula. As profas. puderam criar uma forma própria de chave de acesso utilizando ações sugeridas e chegando num resultado pessoal.

AS QUALIDADES EXIGIDAS DE UMA BOA COORDENAÇÃO. Da mesma forma que as professoras precisam se preparar, a coordenação também precisa manifestar uma segurança sobre o projeto em questão. Acompanhar os detalhes, estudar todas as histórias envolvidas, manifestar apoio quando perceber que a

professora necessita, visitar as escolas, entender a realidade, ter clareza nos objetivos, saber manifestar opinião diversa da professora sem imposições.

No caso de uma edição com muitas professoras, a solução é formar um grupo de coordenadores(as) com grande sintonia para o andamento do projeto.

Finalização

Como converter este estimulante primeiro experimento em um programa maior e duradouro envolvendo mais escolas e professores?

Na atualidade investimentos materiais são feitos. Vide a caixa de livros citada do Ministério da Educação enviada para as escolas. Entretanto, é preciso investimento nas ações humanas. Um dos motivos da dificuldade em abrir turma foi a pequena disponibilidade de horário das professoras para fazer a oficina. Uma alternativa pode ser usar os espaços na escola quando as professoras estão com horários vagos, por exemplo na aula de educação física.

Outras alternativas de horário são através de uma inserção da atividade no cronograma da Secretaria Municipal de Ensino; ou a utilização da carga horária do Trabalho Docente Coletivo (TDC).

Este projeto concretizado dá segurança num investimento em maior escala.

Ficam as sugestões de aumento da quantidade de livros do mesmo título para que uma quantidade maior de crianças possa usufruir do manuseio do livro após a contação da história pela professora. Fica ainda em aberto a definição do local, biblioteca ou estante na sala, um espaço a ser viabilizado que permita que a criança possa acessar o livro que já foi contado pela professora.

Satisfação

Pela Declaração dos Direitos Humanos todos têm direito à inserção cultural. Nós da **Fundação do Livro e Leitura**, em conjunto com a **Secretaria Municipal de Educação**, agimos via este projeto com o intuito de contribuir para que a a criança

tenha acesso aos bens culturais que é seu direito, e conseqüentemente possa usufruir de seus benefícios.

Através do trabalho descrito nesta pesquisa conclui-se que a ação de contar histórias pelo professor, de tal maneira que o professor sintá-se envolvido, fortalecido, preparado, colocando-se num estado que quebre o ritmo cotidiano, estimula em muito o contato da criança com o livro. O querer pelo livro se aguça, torna-se vivaz, alegre, motivador. O projeto é comprovadamente adequado para se realizar numa escala mais ampla.

O contato próximo com a ficção produz mudanças em todos os participantes. A conversa gera uma sensação de bem estar e fortalecimento do grupo a partir do diálogo. O contato com a história tende a dar-se de forma espontânea e não convencional. As crianças assim tornam-se honestas com seus próprios sentimentos e escutam com mais atenção as outras crianças da classe.

Míriam Fontana

Agosto de 2017

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

HIRSCHMAN, Sarah. **Gente y Cuentos ¿A quién pertenece la literatura?: las comunidades encuentran su voz a través de los cuentos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

ARAUJO, Thaise & PACÍFICO, Soraya & ROMÃO, Lucília. **Sentidos interditados de leitura na escola e deslocamentos do sujeito: um dizer nas margens**. Pesquisas em Discurso Pedagógico 2011.2. (10.17771/PUCRio.PDPe.18845)

Retratos da Leitura no Brasil, março de 2016. Fundação Pró Livro e IBGE. Disponível em

[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf), acesso em 02/01/2017.

ANEXO 1

Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF

1	<p><u>Alcina dos Santos Heck</u> Rua Nuporanga, 717 Jardim Salgado Filho II Fone: 3626-1805/ 3996-9704 CEP - 14.079-060 alcina@educacao.pmrp.com.br</p>
2	<p><u>Anísio Teixeira, Prof.</u> Rua Albino Gonçalves, 43 Jardim Iguatemi Fone: 3624-3531 / 3627-6760 CEP - 14.098-440 anisio@educacao.pmrp.com.br</p>
3	<p><u>Antonio Palocci - CAIC</u> Rua Antônio Forniellas, 248 Jardim José Sampaio Júnior Fone: 3639-0555 CEP - 14.065-290 apalocci@educacao.pmrp.com.br</p>
4	<p><u>Dercy Célia Seixas Ferrari. Prof.^a</u> Rua Domingos Humberto Barillari, 210 Jardim Juliana Fone: 3617-4200/3629-3416</p>

	<p>CEP - 14094-018 dercy@educacao.pmrp.com.br</p>
5	<p><u>Domingos Angerami, Prof.</u> Antonia Mugnato Marincek s/n Jardim das Palmeiras Fone: 3615-8797 CEP - 14.079-400 angerami@educacao.pmrp.com.br</p>
6	<p><u>Elisa Duboc Garcia Prof.^a</u> Av. Lygia Latuf Salomão, 202 Jardim João Rossi Fone: 3621-0235/3620-7354 CEP - 14.026-524 edgarcia@educacao.pmrp.com.br</p>
7	<p><u>Eponina de Britto Rossetto, Prof.^a</u> Rua D, s/nº Recreio Internacional Fone: 3629-5711 CEP - 14.094-582 eponina@educacao.pmrp.com.br</p>
8	<p><u>Faustino Jarruche, Dr.</u> Rua Carlos Edson Machado, nº 100 Jardim Marchesi Fone: 3964-0317 CEP: 14031-170 emeffjarruche@educacao.pmrp.com.br</p>

9	<p><u>Geralda de Sousa Espin</u> Rua Emygdio Rosseto, 2960 Jd Florestan Fernandes Fone: 3629-9318/3617-8075 CEP - 14.079-326 gespin@educacao.pmrp.com.br</p>
10	<p><u>Honorato de Lucca, Prof.</u> Rua Anhembi, 401 Jardim Salgado Filho I Fone: 3626-6982 CEP - 14.078-290 honorato@educacao.pmrp.com.br</p>
11	<p><u>Jaime Monteiro de Barros, Dr.</u> Rua Pirassununga, 1100 Jardim Aeroporto Fone: 3626-6454/3628-2826 CEP - 14.078-440 jmbarros@educacao.pmrp.com.br</p>
12	<p><u>Jarbas Massullo, Prof.</u> Rua Heron Domingues, 810 Parque São Sebastião Fone: 3629-8990/3629-0956 CEP - 14.093-400 jarbas@educacao.pmrp.com.br</p>
13	<p><u>José Delibo, Vereador</u> Rua Serafim T. da Cunha, 555 Castelo Branco Novo Fone: 3627-5680</p>

	<p>CEP - 14.090-470 jdelibo@educacao.pmrp.com.br</p>
14	<p><u>José Rodini Luiz, Prof.</u> Rua José Ignacchitti, 700 Jardim Zara Fone: 3627-9507/3618-2146 CEP - 14.092-300 jrodini@educacao.pmrp.com.br</p>
15	<p>Júlio César Voltarelli Rua Mafalda Mobiglia, 105 Parque dos Servidores Fone: 3635-9398 CEP - 14094-234 jcvoltarelli@educacao.pmrp.com.br</p>
16	<p><u>Maria Ignez Lopes Rossi, Prof.^a</u> Rua Anselmo M. Rodrigues, 450 Manoel Penna Fone: 3617-9977-3617-8394 CEP - 14.098-322 milrossi@educacao.pmrp.com.br</p>
17	<p>Maria Ines Vieira Machado Rua Julio Ferranti, 1500º Jd. Diva de Tarlá Fone: 3996-1661 CEP - 14079-320 mmachado@educacao.pmrp.com.br</p>

18	<p><u>Nelson Machado</u> Rua Moacyr Canella, 131 Jd. Maria Casagrande Lopes Fone: 3622-4970 CEP - 14.066-332 nmachado@educacao.pmrp.com.br</p>
19	<p><u>Neuza Michelutti Marzola, Prof.^a</u> Rua Conde de Irajá, 1931 - Jd. Maria Goretti Fone: 3637-1551 CEP - 14.030-480 nmichelutti@educacao.pmrp.com.br</p>
20	<p><u>Paulo Freire, Prof.</u> Rua Sindicalista Luiz A. Correa, 40 Jd. Heitor Rigon Fone: 3615-6419 CEP - 14.062-070 pfreire@educacao.pmrp.com.br</p>
21	<p><u>Paulo Monte Serrat Filho, Prof. Dr.</u> Rua Margarida de Souza Santana, 54 Cândido Portinari Fone: 3967-2868 CEP - 14.093-580 paulom@educacao.pmrp.com.br</p>
22	<p><u>Raul Machado, Prof.</u> Rua Humaitá, 930 Sta Cruz do José Jacques Fone: 3916-5500/3623-1970</p>

	<p>CEP - 14.020-680</p> <p>raulmachado@educacao.pmrp.com.br</p>
23	<p><u>Salvador Marturano, Prof.</u></p> <p>Rua Lúcio de Mendonça, 2040</p> <p>Parque Ribeirão Preto</p> <p>Fone: 3621-6343/3919-6990</p> <p>CEP - 14.031-530</p> <p>smarturano@educacao.pmrp.com.br</p>
24	<p><u>Sebastião de Aguiar Azevedo</u></p> <p>Rua Japurá, 3369</p> <p>Bairro Ipiranga</p> <p>Fone: 3622-4299</p> <p>CEP: 14060-620</p> <p>sebastiao@educacao.pmrp.com.br</p>
25	<p><u>Waldemar Roberto Prof. Dr.</u></p> <p>Rua Antonio Gomes de Souza, 355</p> <p>Jardim Antônio Palocci</p> <p>Fone: 3996-2601</p> <p>CEP - 14079-163</p> <p>wroberto@educacao.pmrp.com.br</p>

CEMEIs

26	<p><u>Eduardo Romualdo de Souza, Prof.</u></p> <p>Rua Visconde de Inhomirim, 1001 - Vila Virgínia</p> <p>Fone: 3919-8502 / 3637-3696</p>
----	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Cep - 14.030-490 romualdo@educacao.pmrp.com.br</p>
27	<p><u>João Gilberto Sampaio, Dr.</u> Rua Pindamonhangaba, 851 - Vila Mariana Fone: 3626-6871 / 3626-6116 Cep - 14.075-140 jgsampaio@educacao.pmrp.com.br</p>
28	<p><u>Virgílio Salata</u> Rua Japurá, 965 - Alto do Ipiranga Fone: 3633-4804 / 3633-8943 Cep - 14.055-100 vsalata@educacao.pmrp.com.br</p>

EMEFEM

27	<p><u>Alfeu Gasparini, Prof.</u> Av. Dom Pedro I, 196 Fone: (16) 3630 4187 Cep – 14055-630 email:</p>
28	<p><u>Luis do Amaral Mousinho, Dom</u> Rua Tamandaré, 353</p>

Fone: (16) 3610 9119

Cep – 14085-070

email:

ANEXO 2

1º QUESTIONÁRIO: enviado a 30 escolas e 84 professores

2º QUESTIONÁRIO: 1º encontro da oficina

3º QUESTIONÁRIO: 5º encontro da oficina

4º QUESTIONÁRIO: avaliação durante o percurso

5º QUESTIONÁRIO: após a realização do projeto

(1º) QUESTIONÁRIO

Escola _____

Formação

Sexo – Feminino () Masculino ()

Data de Nascimento – ____/____/_____

Ano de ingresso na Rede Municipal

Há quanto tempo leciona?

Sempre no fundamental () sim () não

Se não, em quais outras etapas () educação infantil () ensino médio

() ensino superior

Leciona em outra escola fora da Rede Municipal?

() pública () privada

() fundamental () médio () universitário

Carga horária semanal trabalhada

SOBRE SUA ATUAÇÃO COMO PROFESSOR

1 – Tem o hábito de contar/ler história em sala de aula?

() sim () não

2 – Se sim, com qual frequência?

() 1 vez por mês () 1 vez a cada quinzena

() 1 vez por semana () mais de 1 vez por semana () não conto/leio

3 – Se não, por que não conta/lê?

4 - Se você conta/lê história em sala de aula, na sua avaliação:

a) Seu aluno(a) mantém-se atento(a)?

() sim () não

b) Ele (a) demonstra interesse na história?

() sim () não

c) Ele (a) interage fazendo perguntas?

() sim () não

d) Ele (a) pede para você ler outras histórias?

() sim () não

e) Que tipo de histórias costuma ler/contar?

f) Tem alguns livros/histórias prediletas?

5 – Você gostaria de participar de uma atividade de formação de professores para a prática de contar histórias?

sim não

Se a resposta for SIM indique seu nome, telefone e e-mail para contato:

SOBRE SUA ATUAÇÃO COMO LEITOR

6 – Quantos livros você lê por ano?

Obs.: Entendendo a leitura em qualquer um desses suportes: livros de literatura por vontade própria como romance, contos e poesia; e livros técnicos para formação profissional

nenhum livro por ano 1 por ano 2 livros por ano

2 livros por ano 3 livros por ano 4 livros por ano

mais de quatro por ano

7 - Se a resposta for nenhum, por quê?

Obrigada por sua colaboração!

Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

Núcleo de Pesquisa

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula - 23 de março de 2017

2º questionário

Nome _____

Escola

1 – O que pensa sobre a arte de contar história?

2 - Gosta de contar histórias em sala de aula? Que sensações, percepções, lembranças você tem de si durante a ação de contar histórias?

3 – Sabe contar alguma história sem o auxílio do livro?

() sim () não - se não vá para a pergunta 6

3 – Se sim, qual? Ou quais? Escreva sua(s) predileta(s).

4 – Como aprendeu esta(s) história(s)?

5 – Já contou esta(s) história(s) em sala de aula? Quais suas principais lembranças do resultado?

6 – Você prefere ler as histórias em sala de aula do que contar sem o livro? Ou um pouco lido um pouco memorizado? Improvisa durante a contação?

7 - Como você se prepara para contar uma história?

8 – Gosta de ouvir histórias? Em que você presta atenção ao ouvir uma história?

9 – Como você descreve, de maneira geral, a relação de seus alunos com os livros de histórias?

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

3º questionário - 5º Encontro – 10 abril 2017

Nome: _____

1. Quanto à duração, como você avalia o curso desenvolvido para a preparação da prática de contar histórias em sala de aula em relação ao objetivo a ser alcançado?

() curto () longo () suficiente

2. Quanto ao conteúdo desenvolvido, respalda o trabalho a ser desenvolvido?

() sim

() não / poderia desenvolver mais qual tópico?

3. Quanto à proposta, você se sente motivada a realizá-la?

() sim

() não

4. Quanto à proposta, você se sente capacitada a realizá-la?

() sim

() não

5. Tem alguma sugestão para o aprimoramento geral do curso?

6. Identifica em você alguma mudança antes/depois do curso em relação ao conteúdo abordado?

7. Acrescente o que julgar necessário.

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

4º questionário - Encontro 21 junho de 2017

Nome:

1. Quantos livros do projeto você já conseguiu contar em sala de aula?

2. Que observações você faz do início até agora quanto a sua desenvoltura? Sente-se mais segura a contar história em sala de aula? É uma atividade que está lhe agradando?

3. Existem modificações nas ciranças entre a primeira história do projeto até agora quanto a:

- a. Comportamento
- b. Interesse
- c. Curiosidade sobre o livro

4. Que dificuldades está encontrando?

5. Está entusiasmada com o projeto? Sim, não, porquê?

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO

A prática do contar histórias e a formação do leitor na sala de aula

5º questionário - Encontro 14 agosto de 2017

Questionário posterior às ações idealizadas e realizadas.

1. Você realizou todas as histórias propostas? Sim? Não? Por quê?
2. Na sua opinião, a prática de contar histórias favorece a formação do leitor na sala de aula? Que observações você pode trazer?
3. A escolha dos livros do projeto foi acertada?
4. O projeto por trabalhar com a oralidade favoreceu a integração entre os alunos alfabetizados e ainda não alfabetizados?
5. O projeto permitiu um vínculo mais afetivo do professor com as crianças? E entre as crianças? Comente.
6. É possível fazer o mesmo trabalho sem desenvolver atividades didático-pedagógicas sobre as histórias contadas?
7. Como você idealiza um espaço possível que a criança possa ter acesso ao livro de forma livre? (Estante em sala de aula, somente na biblioteca, ...) Comente.
8. Sentiu alguma mudança em você por participar do projeto?
9. O projeto alterou alguma prática sua em sala de aula?
10. Sentiu alguma mudança em seus alunos em função da realização do projeto?